

Onno Ruding critica o Plano Brady

AMSTERDAM, Holanda (Do envio especial) — O primeiro teste teórico do novo plano para a dívida, sugerido dias atrás pelos Estados Unidos, sofreu um abalo ontem. Ao falar durante um debate sobre a restauração de fluxos financeiros para a América Latina, o Ministro de Finanças da Holanda, Onno Ruding, que é Presidente do Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional (FMI), disse que esse organismo está disposto a apoiar a adoção de mecanismos que reduzam a dívida, desde que eles não transfiram riscos do setor privado para o público.

Ao se referir especificamente à proposta americana, de que tanto o FMI quanto o Banco Mundial (Bird) emprestem dinheiro aos devedores para que comprem de volta os títulos de seu débito, com deságio, e ao mesmo tempo avalizem bônus desses

países a serem trocados por parte da dívida, Ruding advertiu:

— Se um envolvimento maior do FMI ou do Bird levar essas entidades a cobrirem riscos dos bancos comerciais, entraremos num terreno perigoso. Ou seja, se for utilizado muito dinheiro público do FMI e do Bird para reduzir a exposição dos bancos comerciais nos países endividados, essa ação iria contra a política do Comitê Interino do FMI. Além disso, acho que é política e moralmente difícil defender a idéia de que os contribuintes dos países industrializados tenham de pagar por maus negócios dos bancos — comentou.

Observadores, tanto do FMI quanto do Bird, que estavam na platéia, disseram mais tarde que será preciso mudar os regulamentos internos dessas instituições para que as pro-

postas feitas pelo Secretário do Tesouro, Nicholas Brady, possam vir a ser colocadas em prática.

— Os regulamentos poderão ser mudados, mas para isso terá de haver uma discussão ampla, e a idéia terá de ser aprovada numa votação que tenha como resultado um consenso a favor de 80% — acrescentou um alto-funcionário do Bird.

O Governo brasileiro, potencial beneficiário de um plano que reduza o estoque da dívida, também está com dúvidas com relação ao sucesso da proposta americana. Ao comentá-la, ontem à tarde, o Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, disse aos jornalistas brasileiros:

— Acho que não dá para sonhar muito.

O ex-Ministro de Finanças do México Jesus Silva-Herzog, que partici-

pou da conferência, lembrou que a redução do tamanho da dívida, ainda que seja importante, não diminui o seu serviço de maneira considerável a curto prazo:

— Uma redução de US\$ 3 bilhões produz, na verdade, uma poupança de apenas US\$ 300 milhões por ano, levando-se em conta uma taxa de juros ao redor de 10%.

O ponto culminante nessa discussão, na presença do Subsecretário do Tesouro, David Mulford, coube ao ex-Tesoureiro do Banco Mundial e atual Vice-Presidente da financeira Merrill Lynch & Co. Eugene Rotherg. Num discurso original, feito quase todo à base de perguntas, ele disse que os países credores, banqueiros privados e organismos multilaterais deveriam tratar de reduzir as expectativas dos devedores.